



Vogais médias pretônicas em Pernambuco: uma análise geossociolinguística

Pretonic medium vowels in Pernambuco: a geosociolinguistic analysis

Edmilson José de Sá*

Centro de Ensino Superior de Arcoverde
Arcoverde, Pernambuco, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta uma descrição geossociolinguística baseada na variação fonética proferida por falantes de vinte municípios pernambucanos a fim de apresentar o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, com base em um *corpus* selecionado dos dados do Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013). Para a análise foram aproveitadas 1619 ocorrências, abrangendo 828 variantes de palavras com a pretônica anterior e 791 com a posterior, registradas nas respostas do questionário aplicado a 84 pessoas, sendo quatro de cada um dos vinte municípios selecionados. Pautando-se na perspectiva espacial, percebeu-se que o alteamento da vogal pretônica no Estado constitui marca dialetal, enquanto as variantes, [e], [ɛ], [o] e [ɔ] se distribuíram em pontos isolados. Considerando as dimensões linguísticas, verificou-se que a harmonia decorrente da vogal tônica com mesmo grau de altura da pretônica é mais evidente que a redução vocálica. Concernente às questões extralinguísticas, os resultados evidenciam o homem mais jovem como mais conservador que a mulher, sendo essa mais inovadora em sua fala espontânea no uso das pretônicas.

Palavras-chave: Pretônicas. Variação Geossociolinguística. ALiPE.

Abstract: This article presents a geosociolinguistic description based on the phonetic variation given by twenty speakers from Pernambuco in order to show a description about the behavior of the pretonic media vowels /e/ / and / o /, based on a *corpus* selected from the Atlas Linguistic de Pernambuco - ALiPE (SÁ, 2013)'s data. For the analysis, 1619 occurrences were used, covering 828 variants with the previous pretonic vowel 791 with the later one, recorded in the answers to the questionnaire applied to 84 people, being four from each of the twenty selected towns. Based on the spatial perspective, it was noticed that the rising of the pretonic vowel is not considered a dialectal mark, while the variants [e], [ɛ], [o] and [ɔ] are distributed at selected points. Considering the linguistic dimensions, it was verified that the harmony resulting from the tonic vowel with the same pretonic height degree is more evident than the vowel reduction. Concerning the extralinguistic issues, the results were evidenced that the younger man was more conservative than a woman, this being more innovative in her spontaneous speech in the use of pretonic vowels.

Keywords: Pretonic. Geosociolinguistic variation. ALiPE.

1 INTRODUÇÃO

Estudos sobre as vogais pretônicas ainda são embrionários em Pernambuco, a despeito de alguns trabalhos restritos a *corpora* coletados na capital e de pesquisas realizadas em municípios, cujas análises discutem a variação desses grupos fonéticos sob

*Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA) e Professor Colaborador no Mestrado Proletras da Universidade Pernambuco (UPE) – Campus Garanhuns. E-mail: edjm70@gmail.com.

a égide da Sociolinguística, mas não exploram a variação espacial ou diatópica, de que trata a Geolinguística.

Sentindo essa carência, este artigo apresenta uma discussão sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, usando o banco de dados do *Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE* (SÁ, 2013), para o qual foram realizados inquéritos em vinte municípios, distribuídos horizontalmente entre Afrânio e Recife e verticalmente entre São José do Egito e Tacaratu, contemplando, assim, diferentes regiões do estado.

A partir dos registros catalogados nos pontos de inquérito, será realizada a análise fonética, por meio da qual serão vislumbrados os aspectos que influenciaram na variação dos segmentos vocálicos. Em seguida, proceder-se-á à análise geossociolinguística, para que sejam delineados os limites espaciais estabelecidos na distribuição dos fenômenos catalogados e as restrições sociais que interferiram na distribuição dos fenômenos.

Com a análise concluída, espera-se ratificar a ideia de Nascentes (1953) de que a variação das vogais pretônicas serve como parâmetro para delimitar marcas dialetais do Português Brasileiro, considerando os falares do norte do país com o predomínio das vogais médias abertas, em detrimento das realizações fechadas do sul.

Para tanto, serão apresentados os estudos já realizados por pesquisadores quais sejam: Bisol (1981), Callou e Leite (1986), Carneiro e Magalhães (2009), Célia (2004), Freitas (2001), Graebin (2008), Maia (1986), Marchi e Stein (2007), Rodrigues e Araújo (2007), Silva (1992) e Tenani e Silveira (2008).

Assim, este estudo está dividido em três seções: *in limine* será apresentado um estado da arte acerca das vogais pretônicas em pesquisas realizadas em diferentes estados brasileiros. Em seguida, para situar a proposta de análise, será proporcionado um panorama da Geolinguística e o Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013), de onde foi extraído o *corpus* e de que repertório lexical se descreveu, na seção seguinte, o comportamento das vogais pretônicas junto às dimensões linguísticas e não linguísticas. Durante a conclusão do estudo, será confirmado se os dados registrados em Pernambuco comungam do mesmo comportamento do que fora averiguado em outros estados e que contextos linguísticos e extralinguísticos contribuem para a variação da vogal média no Estado.

2 O COMPORTAMENTO VARIÁVEL DAS VOGAIS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Em se tratando da tonicidade das vogais no português brasileiro, é possível agrupá-la em três dimensões que são nomeadas em tônicas, postônicas e pretônicas. No caso das vogais tônicas orais, a distribuição apresentada em Silva (2002, p. 79) beira a homogeneidade em todas as regiões, com casos ínfimos de variação em itens lexicais como *f[e]cha – f[ɛ]cha* e *p[e]go – p[ɛ]go*, o que não se mantém no caso das vogais pretônicas, pois são comumente registrados casos em que a vogal /e/ é realizada como [i] e [ɛ], como em *menino* □ *m[i]nino* e *m[ɛ]nino*, e a vogal /o/ é realizada como [ɔ] e [u], como em *b[ɔ]nito* e *b[u]nito*. Assim, o perfil das pretônicas no português brasileiro figura na forma disposta no quadro 1:

Quadro 1 – Distribuição das vogais pretônicas orais no português brasileiro

	Anterior		Central		Posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
Alta		i			u	
média-alta		e			o	
média-baixa		(ɛ)		(ə)	(ɔ)	
baixa				a		

Fonte: Silva (2002, p. 81).

Segundo Câmara Jr. (2007), formas verbais no infinitivo detêm vogais que alteiam por anteciparem um hiato, como ocorre em *passoar* e *v[ɔ]ar*, pronunciadas respectivamente como *pass[i]ar* e *v[ɔ]ar*. Maia (1986), por sua vez, entendeu que o alteamento da vogal média pretônica poderia estar condicionado ao contexto inicial da palavra, quando seguido de sibilante, como em *escola* – *[i]scola*, enquanto Leite e Callou (2002) passaram a defender tal comportamento da pretônica quando seguida da lateral palatal, a exemplo de *colher* – *c[ɔ]lher* e *melhor* – *m[i]lbor*.

Alguns estudiosos elencam processos que justificam a variação das pretônicas. Bisol (2003), por exemplo, sugere uma neutralização, quando a vogal perde um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica, como em *b[ɛ]lo* – *b[e]leza*, enquanto Battisti e Vieira (2001) discutem a harmonização vocálica em casos como *pepino* – *p[i]pino* e Klunck (2007) trata da redução vocálica em *bolacha* – *b[ɔ]lacha*.

Como se observa, o fenômeno da variação das pretônicas é bastante discutido e algo não tão hodierno. Diacronicamente ao se comparar a passagem do latim para o português, percebe-se um *continuum* de perdas e quedas dessas vogais, que não se sustentam no início da sílaba - *inamorare* > *namorar* e, quando não estão nessa posição inicial, se tornam adjacentes à vogal tônica, como ocorre em *bonitāte* > *bondade*, ou seja, a variação é influenciada por sons vizinhos, como aponta Coutinho (1970, p. 118).

Em termos mais específicos, estudos sobre as vogais pretônicas têm apontado semelhanças e distinções, quando são comparados diatopicamente. O quadro 2, na seqüência, faz um apanhado de alguns desses estudos.

Quadro 2 – Panorama de algumas pesquisas já realizadas sobre a variação das vogais médias pretônicas

AUTOR	AMBIENTE	ALGUNS DADOS CONCLUSIVOS
Alves (2008)	Belo Horizonte (MG)	A autora constatou as três variantes possíveis para vocábulos com a pretônica /e/.
Bisol (1981)	Porto Alegre (RS)	A variação, nesse estudo, está condicionada à atonicidade influenciada pelo contexto seguinte.
Brandão e Cruz (2005)	Amazonas e Pará	Segundo as autoras já previam, as vogais pretônicas se comportavam em modo aberto em posição pretônica nos estados do Amazonas e do Pará.
Callou e Leite (1986)	Rio de Janeiro (RJ)	Foi encontrado maior índice de elevação da vogal média.
Carneiro e Magalhães (2009)	Araguari (MG)	Para os autores, as pretônicas se comportam na mesma maneira que fora averiguado na capital, com grau elevado de abertura.

Célia (2004)	Nova Venécia (ES)	Os estudos mostraram que as vogais médias pretônicas [e, o] realizam-se tanto alteadas [i, u], quanto abaixadas [ɛ, ɔ], decorrente do processo de assimilação do traço de altura da vogal seguinte, independentemente de sua tonicidade.
Freitas (2001)	Bragança (PA)	A autora concluiu que as pretônicas em tonicidade alta são fortemente favorecidas por vogais médias. Observou-se também grande ocorrência das variantes baixas [ɛ] e [ɔ], favorecidas 30 por vogais baixas.
Graebin (2008)	Formosa (GO)	A autora observou três comportamentos das vogais: alteamento, manutenção e abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.
Maia (1986)	Natal (RN)	Para a autora, a variação das pretônicas é condicionada ao tipo de vogal imediatamente seguinte e que o fator tonicidade parece influenciar o comportamento de átonas médias antes de /i/.
Marchi e Stein (2007)	Curitiba (PR)	Foi confirmada a inibição da elevação da média pretônica.
Rodrigues e Araújo (2007)	Cametá (PA)	No estudo, as autoras concluíram que a regra de elevação das pretônicas /e/ e /o/ aplica-se com menor probabilidade, ao modo que se observa maior frequência de vogais médias fechadas, aspectos mais próximos aos falares do Sul, e não aos do Norte, como conferido ao estado doarã.
Silva (1992)	Salvador (BA)	A autora estratificou as variantes [u] e [i] em grandes percentuais, principalmente antes de vogais altas e as variantes [o] e [e], estratificadas em maior nível antes de vogais de mesma altura.
Tenani e Silveira (2008)	São José do Rio Preto (SP)	Foi concluído que não ocorre alteamento nas vogais pretônicas proferidas pelos falantes do município.
Viana (2008)	Pará de Minas (MG)	A luz da sociolinguística quantitativa, foram selecionados como fatores relevantes à variação da vogal média pretônica: o alteamento, a manutenção e o abaixamento da vogal.

Fonte: organização do autor.

A despeito do grande número de trabalhos que discutem a variação das vogais médias postônicas, Pernambuco ainda engatinha em estudos dessa natureza, talvez porque muitos ainda creiam que o comportamento dessas vogais ainda se enquadre exclusivamente numa análise puramente fonética, da qual fazem parte os trabalhos de Amorim (2009) e de Rumeu (2012), cujas análises se restringem à fala da capital e os autores concluíram que os recifenses cultos preferem as vogais médias altas em detrimento das demais variantes. Porém, Aragão (2009, p. 225) vai além da visão linguística e defende a análise “sob a perspectiva da dialetologia e da sociolinguística, que marcam as variações linguísticas, diatópicas e diastráticas do português do Brasil”. Daí a necessidade de estudos que explorem outras dimensões sociais, sobretudo a escolaridade, e verifiquem se o comportamento das referidas vogais se mantém semelhante em municípios do interior do Estado.

3 A GEOLINGUÍSTICA NO BRASIL E O ATLAS LINGUÍSTICO DE PERNAMBUCO (ALiPE)

O primeiro trabalho de natureza dialetal à luz da Geolinguística foi elaborado por Nelson Rossi em 1963, o qual ele nomeou de *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. A partir daí, outros passaram a sair da mente de linguistas brasileiros e têm servido de base para outros ainda em fase de elaboração.

Foram construídos, então, os atlas linguísticos de Minas Gerais (EALMG – 1977), da Paraíba (ALPB – 1984), de Sergipe (ALSE – 1987), do Paraná (ALPR – 1994), da Região Sul (ALERS – 2002), de Sergipe – II (ALSE II – 2005), o sonoro do Pará (ALISPA – 2004), do Amazonas (2004), do Paraná – II, do Mato Grosso do Sul (ALMS – 2007), do Ceará (ALECE – 2010), de Goiás (ALIGO – 2012), de Pernambuco (ALiPE – 2013), do Amapá (ALAP – 2017) e de Alagoas (ALAL – 2018).

Em fase inicial ou adiantada de pesquisas, já se tem notícia de seis atlas estaduais, o do Espírito Santo, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, de Rondônia e do Pará e do Piauí. Nas bibliotecas das universidades e dos pesquisadores, também são encontradas dissertações e teses já concluídas ou em andamento focalizando atlas microrregionais.

É fato que, além da Dialectologia, a língua também pode ser estudada na perspectiva sociolinguística, termo usado para conceituar o estudo da língua em seu contexto social, ou seja, trata-se de um campo de investigação que descreve todas as áreas do estudo da relação entre língua e sociedade.

Mesmo com as análises linguísticas de cunho social terem iniciado a partir dos anos 50, a *Teoria da Variação* foi desenvolvida anos depois a partir da proposta de Labov (1966), na qual se atribuíam valores sociais às regras linguísticas, plenamente variáveis.

Nas palavras de Labov (1983), a *Teoria da Variação* busca estabelecer conexões entre grupos sociais e variedades de uso linguístico, além de alcançar a direção da mudança nas bases sociais, a partir das quais se traçam os perfis de variação estável ou em progresso.

No Brasil, não são raras as pesquisas sobre a variação de língua portuguesa que se valem de veios sociolinguísticos para tecer explicações sobre o comportamento detectado. A partir das perspectivas teóricas de autores experientes, são buscadas recorrências quanto à interferência de gênero, faixa etária, escolaridade, urbanização e os resultados têm sido igualmente relevantes. Por esse motivo, o método geolinguístico passou a compartilhar das dimensões sociais para explicar a variação regional, a partir da inspiração no *Atlas Linguístico Diatópico y Diástrático del Uruguay (ADDU)* (ELIZAICÍN; THUN, 2000) em que:

[...]a superfície bidimensional horizontal da dialetologia e o eixo vertical da sociolinguística formam juntos o espaço variacional tridimensional da dialetologia multidimensional e relacional. [...] A dialetologia multidimensional aproxima-se do ideal da descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e sua relação com os falantes (THUN, 1998, p. 704, tradução do autor¹).

¹La superficie bidimensional horizontal de la Dialectología y el eje vertical de la Sociolingüística forman juntos el espacio variacional tridimensional de la Dialectología pluridimensional y relacional [...] la Dialectología pluridimensional se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación con los hablantes.

Em termos de geolinguística nos estados brasileiros, o Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE) foi construído como produto de tese de doutorado e constituiu o quinto atlas linguístico estadual do Nordeste, sem contar, obviamente, com o segundo atlas de Sergipe.

A julgar pela extensão do Estado de Pernambuco com seus 185 municípios, recorreu-se aos pressupostos defendidos por Ferreira e Cardoso (1994) para a seleção dos pontos de inquéritos do atlas linguístico desse estado, quando foram investigados aspectos históricos, geográficos, socioeconômicos e culturais de cada um dos municípios.

Foram, então, selecionados 20 pontos: 1 – Afrânio; 2 – Petrolina; 3 – Santa Maria da Boa Vista; 4 – Ouricuri; 5 – Salgueiro; 6 – Floresta; 7 – Tacaratu; 8 – Serra Talhada; 9 – Custódia; 10 – São José do Egito; 11 – Tupanatinga; 12 – Arcoverde; 13 – Águas Belas; 14 – Garanhuns; 15 – São Bento do Una; 16 – Taquaritinga do Norte; 17 – Caruaru; 18 – Palmares; 19 – Limoeiro; 20 – Recife.

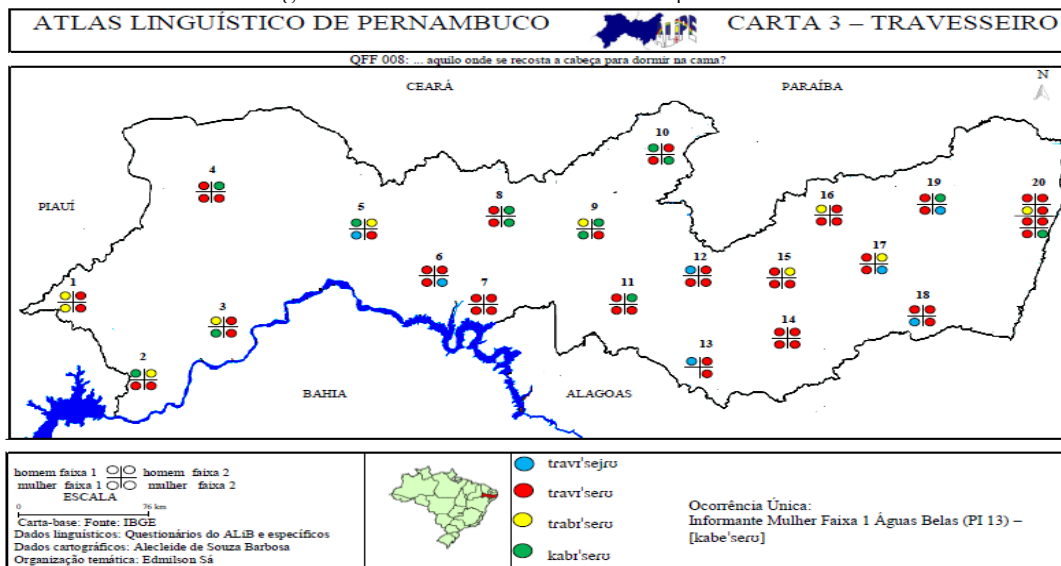
O perfil dos informantes seguiu os critérios metodológicos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), delineados em Cardoso et al. (2014), com homens e mulheres entre 18 e 30 anos e entre 50 e 65 anos, com escolaridade até o quinto ano do Ensino Fundamental - anos iniciais, além de informantes com curso superior completo apenas para a capital.

Considerando os dois níveis genéricos e os dois níveis etários, cada ponto de inquérito teve quatro informantes, somados a mais quatro da capital do Estado, de modo que a pesquisa foi efetivada com 84 habitantes distribuídos em todo o território urbano de Pernambuco.

Além das 159 questões do *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)*, foram aplicadas 202 questões do *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*, distribuídas nos campos semânticos: *acidentes geográficos, alimentação e cozinha, astros e tempo, atividades agropastoris, ciclos da vida, convívio e comportamento social, corpo humano, fauna, fenômenos atmosféricos, habitação jogos e diversões infantis, religião e crenças, vestuário e acessórios* e, ainda, sobre *vida urbana*. Para as especificidades do Estado, foram aplicadas 41 questões relativas a *folgedos, danças, renascença e barro*. Além dessas, os informantes responderam, ainda, a 49 perguntas de cunho morfossintático.

Após a transcrição das respostas, foram construídas as cartas linguísticas dividida em 50 cartas fonéticas, 47 semântico-lexicais e 8 morfossintáticas. A figura 1, na sequência, ilustra uma das cartas fonéticas do ALiPE.

Figura 1 – Carta fonética com variantes para *travesseiro*



Fonte: ALiPE (SÁ, 2013).

Em sendo o segundo atlas linguístico² com fenômenos variáveis do falar pernambucano, os estudos dialetais passaram a ganhar força e tentado proporcionar a pesquisadores na área da descrição linguística o estímulo para construção de outros documentos sob os auspícios da Dialectologia e da Geolinguística, a exemplo de atlas de pequeno domínio com a descrição de fenômenos de municípios do interior, como Buíque (FERREIRA, 2011), Pedra (SILVA, 2018) e o trabalho mesorregional no Sertão do Pajeú (SÁ et al, 2018).

3 AS PRETÔNICAS EM PERNAMBUCO

Para verificar como se comportam as vogais pretônicas no Estado de Pernambuco, partiu-se dos dados que compõem o *corpus* do Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), construído por Sá (2013). Para tanto, selecionaram-se as variantes fonéticas para *t/e/soura*, *trav/e/sseiro*, *f/e/cha*, *c/e/bola*, *d/e/svio*, *m/e/ntira*, *f/e/rida*, *d/e/smaio*, *p/e/rfume* e */e/squerdo*, que evidenciam o estudo para a vogal anterior e para *g/o/rdura*, *c/o/lber*, *t/o/mate*, *b/o/tar*, */o/reilha*, */o/velha*, *b/o/rracha*, *d/o/rmindo* e *ass/o/bio*, em que são destacadas as vogais posteriores.

3.1 ANÁLISE LINGÜÍSTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS ANTERIORES

Após ter realizado os procedimentos de análise estatística pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) foram verificados,

² O trabalho pioneiro se trata do Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (ALMASPE), como produto de dissertação de Mestrado conferido a Almeida (2009).

inicialmente, os dados conforme as ocorrências do grau de abertura das vogais médias pretônicas, em que se confirma a realização das três variantes possíveis [e], [ɛ] e [i] no português falado em Pernambuco, como se observa na tabela 1, ratificando a visão de Alves (2008), Celia (2004) e Graebin (2008) acerca de outras regiões brasileiras:

Tabela 1 – Ocorrências das vogais médias pretônicas em Pernambuco

Realizações	Ocorrências	Percentual
[e]	184	22%
[ɛ]	92	11%
[i]	552	67%
Total	828	100%

Fonte: Organização do autor a partir dos dados do ALiPE (SÁ, 2013)

Conforme era esperado, o número de ocorrências com o alteamento da vogal média anterior constitui marca dialetal do português pernambucano, já que a quantia registrada chega a 67% do total, enquanto as outras variantes que se manifestam apenas na abertura da vogal são contabilizadas com 22% de ocorrências mantidas com a vogal média-alta e 11% de ocorrências com a vogal média-baixa.

Considerando a elevação de percentuais para o alteamento da vogal, convém averiguar os contextos linguísticos que favoreceram tal comportamento. Inicialmente, dissemina-se a análise segundo o timbre do segmento tônico. Logo, consideraram-se as vogais (alta, média e baixa) e a vogal em contexto de ditongo. A tabela 2 expõe como isso ocorreu estatisticamente:

Tabela 2 – Interferência do timbre da vogal tônica no alteamento da vogal média anterior pretônica em Pernambuco

Timbre	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Vogal alta	225/334	86%	0.47	fer[i]da
Vogal média	113/164	69%	0.37	ceb[o]la
Ditongo	213/247	86%	0.86	travess[ei]ro

Fonte: Organização do autor a partir dos dados do ALiPE (SÁ, 2013).

Conforme apresentado na tabela 2, o ditongo em contexto tônico parece favorecer o alteamento (0.86), ao contrário de outros trabalhos que apontam a vogal alta como um das mais favorecedoras do fenômeno por estabelecer uma *harmonia vocálica* (BISOL, 1981), em que a mudança de [e] para [i] estaria condicionada à vogal tônica [i], pois desencadearia um mecanismo de assimilação do traço de altura da vogal alta [i], como ocorre nos exemplos *mentira* – m[i]tira e *ferida* – f[i]rida. Porém, o peso relativo de 0.47, paralelo aos timbres da vogal tônica média (0.37) insinua que tal contexto não favoreceu tanto o alteamento da vogal pretônica, já que registra pesos abaixo do índice neutro, de 0.50.

Acreditando, como ocorre em outras pesquisas, na influência do ponto de articulação do segmento precedente à pretônica, foram inseridos na referida variável os contextos de segmento labial, alveolar e dental, bem como ausência de segmento pré-vocálico. Da mesma forma, tentou-se averiguar a influência do contexto seguinte e, considerando a inexistência de alteamento da pretônica nas ocorrências para ‘fechar’,

único item lexical do *corpus*, cuja vogal média pretônica antecede o segmento palatal e apresenta a vogal tônica baixa, retiraram-se os itens com esse contexto de modo a eliminar os *knockouts* observados na primeira rodada do programa estatístico. Depois desse processo, o total de dados perfaz 746 ocorrências, que possibilitaram a verificação do alteamento da vogal /e/. Na tabela 3, a seguir, contemplam-se os pontos de articulação que precedem a vogal pretônica e quais os que influenciam ou inibem o alteamento.

Tabela 3 – Interferência do ponto de articulação do segmento precedente no alteamento da vogal média anterior pretônica em Pernambuco

Ponto de articulação do segmento precedente	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Labial	79/167	47%	0.84	tra[v]esseiro
Alveolar	242/330	73%	0.82	[c]ebola
Dental	151/166	91%	0.01	[t]esoura
Ausência de segmento	80/83	96%	0.24	[ø]esquerdo

Fonte: Organização do autor a partir dos dados do ALiPE (SÁ, 2013).

A análise estatística retrata que segmentos precedentes consonantais com ponto de articulação labial e alveolar favorecem o alteamento da pretônica /e/, em maior proporção que os itens com ausência de segmento antes da vogal que antecede a sílaba tônica, enquanto o contexto precedente representado pela consoante dental desfavorece por completo tal comportamento.

Com respeito ao contexto seguinte, os dados foram classificados quanto ao ponto de articulação da consoante e a tabela 4 apresenta em que contextos o alteamento foi mais favorecido.

Tabela 4 – Interferência do ponto de articulação do segmento seguinte no alteamento da vogal média anterior pretônica em Pernambuco.

Ponto de articulação do segmento seguinte	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Labial	34/82	41%	0.63	c[e]bola
Alveolar	370/414	89%	0.10	trav[e]sseiro
Rótico	68/167	41%	0.99	f[e]rida
Glotal	80/83	96%	0.39	cons[e]guir

Fonte: Organização do autor.

Conforme a tabela 4, os róticos favoreceram mais o alteamento da vogal média anterior, permitindo a *harmonia vocálica* quando a vogal tônica influencia na altura da pretônica, comportamento menos favorecido diante de consoantes labiais e glotais e com nenhuma influência diante consoantes alveolares. Isso se confirma com o cruzamento do contexto seguinte com o timbre da vogal/ditongo tônico. Assim, esses contextos de pouco favorecimento do alteamento da vogal pretônica sinalizaram a redução vocálica, corroborando com os resultados encontrados em Klunck (2007).

3.2 ANÁLISE LINGUÍSTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS POSTERIORES

Quanto à vogal média posterior /o/, assim como ocorreu com a descrição da anterior /e/, a realização referente ao grau de abertura também ocasionou três variantes, estratificadas no Golvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e apresentadas, na seqüência, pela tabela 5:

Tabela 5 – Ocorrências da vogal média pretônica posterior em Pernambuco

Realizações	Ocorrências	Percentual
[o]	155	20%
[ɔ]	99	12%
[ɔ̃]	537	68%
Total	791	100%

Fonte: Organização do autor

Conforme a tabela 5, o alteamento da vogal média posterior /o/ se mostrou mais assíduo com 68% das ocorrências, enquanto o abaixamento foi mais inibido com 12% e a manutenção da vogal fechada ocorreu em 20% dos itens estratificados. Assim, já é possível sinalizar o alteamento como marca dialetal do falar pernambucano como percebido em relação à vogal anterior. Resta, portanto, verificar que condicionadores linguísticos influenciaram nesse resultado.

Para compreender as interferências linguísticas nos percentuais apresentados, resolveu-se verificar o comportamento da vogal tônica, dos contextos precedente e seguinte face às três variantes da vogal média. Porém, com a ausência de ocorrências de ‘ovelha’ com o grau de abertura médio-baixo da vogal pretônica, houve *knockouts* na primeira rodada do programa estatístico quanto à variável contexto seguinte, o que inviabilizou a continuidade da análise com as rodadas *stepping up* e *stepping down* e a verificação dos pesos probabilísticos para avaliação dos contextos de uso. Assim, após amalgamar as ocorrências com as vogais média alta e média baixa, verificar-se-á o comportamento dessas vogais perante o alteamento, considerando-se, assim, a distinção alteamento – não alteamento.

No que concerne à variável vogal tônica, a segunda rodada do Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) apresentou o seguinte comportamento:

Tabela 6 – Ocorrências de alteamento a partir da influência do timbre da vogal tônica em Pernambuco

Vogal tônica	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Vogal alta	310/416	74%	0.76	gord[u]ra
Vogal média	166/235	71%	0.67	or[e]lha
Vogal baixa	61/137	44%	0.31	bot[a]r

Fonte: Organização do autor.

A hipótese inicial preconizava que o alteamento da vogal /o/ pretônica estaria condicionado à altura do timbre da vogal tônica e os pesos relativos expostos na tabela 6 apontam para a confirmação já que à medida que o timbre da vogal tônica se eleva, a vogal pretônica se harmoniza.

Contudo, é pertinente averiguar os contextos laterais à vogal pretônica para que as justificativas do alteamento e do não alteamento sejam melhor compreendidas. *In limine*, conforme já constatado no trabalho de Amorim (2009), a consoante que precede a vogal /o/ costuma influenciar no alteamento dessa vogal e a tabela 7 contempla a distribuição e o percentual de ocorrências a partir desse contexto.

Tabela 7 – Ocorrências de alteamento a partir da influência da consoante precedente em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Labial	21/53	39%	0.41	[b]orracha
Coronal	147/249	59%	0.85	[t]omate
Dorsal	278/338	82%	0.15	[g]ordura
Omissão de segmento	91/151	60%	0.75	[ø]orelha

Fonte: Organização do autor.

Segundo a tabela 7, as consoantes coronais (s, ʃ, z, ʒ, t, d, r, l, n), com peso 0.85 favorece mais o alteamento assim como ocorre quando não há consoante precedendo a vogal /o/ em posição pretônica, com peso 0.75. Porém, as labiais (p,b,m,f,v) não favorecem tanto a altura da vogal média e as dorsais (k,g) inibem tal comportamento por completo, haja vista os respectivos pesos relativos 0.45 e 0.15 serem inferiores aos índices de maior probabilidade.

Para apurar a influência do contexto seguinte à vogal pretônica /o/, o ponto de articulação das consoantes foi expandido e o alteamento também se manifesta mais acentuadamente antes das labiais, com peso relativo de 0.86 e das alveolares, com 0.70, enquanto antes dos róticos, esse fenômeno é mais inibido, com 0.32, comprovados na tabela 8, a seguir. Porém, como era esperado, antes de consoantes palatais e labiodentais, esse contexto não é favorecido. Logo, nesses contextos, a pretônica se diferencia do que Callou e Leite (1986) verificaram sobre tais contextos favorecerem o alteamento.

Tabela 8 – Ocorrências de alteamento a partir da influência da consoante seguinte em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Labial	129/254	51%	0.86	asso[b]io
Rótico	184/249	74%	0.32	go[r]dura
Palatal	75/84	89%	0.03	co[lh]er
Alveolar	100/137	73%	0.70	bo[n]ito
Labiodental	49/67	73%	0.15	o[v]elha

Fonte: Organização do autor.

3.3 ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA

Considerando o alteamento da vogal média, tomar-se-á esse comportamento para verificar a influência social e espacial. A tabela 9, na sequência, expõe a análise estatística em relação à dimensão diagenérica, inicialmente, referente à vogal anterior.

As ocorrências catalogadas contrariam a ideia de que a mulher se policia mais em sua fala, mantendo, no contexto desta pesquisa, a vogal média alta, pois os pesos relativos indicam a predominância dessa forma inovadora, enquanto os homens são conservadores, cuja disparidade se diferencia das pesquisas de Amorim (2009) e Rumeu (2012). A tabela 9 expõe a análise estatística da variação diagenérica em relação às pretônicas em Pernambuco.

Tabela 9 – Ocorrências de alteamento da vogal /e/ a partir da influência do sexo em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Homem	286/429	67%	0.40
Mulher	266/399	67%	0.60

Fonte: Organização do autor.

Quanto à dimensão diageracional, os pesos relativos apontam a inovação da pronúncia da vogal média anterior na fala dos mais jovens, enquanto os informantes com mais idade são mais conservadores, pois mantêm a variante mais baixa. Isso pode ser confirmado na tabela 10.

Tabela 10 – Ocorrências de alteamento da vogal /e/ a partir da faixa etária em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
18 a 30 anos	265/415	64%	0.66
50 a 65 anos	287/413	70%	0.33

Fonte: Organização do autor.

Em relação à vogal média posterior, a interpretação parece se assemelhar ao que ocorreu com a vogal anterior no que cerne ao alteamento influenciado pelas dimensões extralinguísticas, conforme a rodada no programa estatístico, após desconsiderar a variante [ɔ], anteriormente amalgamada com as ocorrências da vogal mais alta.

Nesse sentido, considerando a variável dependente alteamento – não alteamento da vogal /o/, a análise estatística da dimensão diagenérica aponta o conservadorismo do homem e a inovação da mulher, como se observa na tabela 11.

Tabela 11 – Ocorrências de alteamento da vogal /o/ a partir da influência do sexo em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Homem	201/287	70%	0.36
Mulher	397/537	74%	0.59

Fonte: Organização do autor.

Já em relação à dimensão diageracional, os resultados, mais uma vez, apontam que os pernambucanos de mais idade tendem a altear a vogal média posterior com maior probabilidade que os jovens, contrariando o que preconizam outras pesquisas. Após verificar os dados quanto à dimensão diatópica, é possível que essa constatação se confirme.

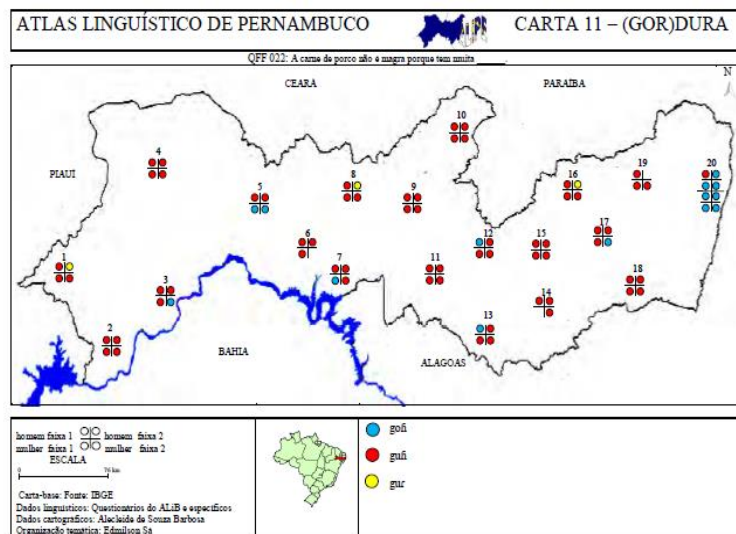
Tabela 12 – Ocorrências de alteamento da vogal /o/ a partir da faixa etária em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
18 a 30 anos	224/295	76%	0.46
50 a 65 anos	392/496	79%	0.55

Fonte: Organização do autor.

Do ponto de vista diatópico, percebe-se a inovação das pretônicas em quase toda a extensão do Estado de Pernambuco, como se pode perceber na distribuição das ocorrências fonéticas para ‘gordura’, disposta na figura 2, o que, de fato, coaduna com as demais cartas que apresentam a variação da referida vogal.

Figura 2 – Carta com variantes fonéticas para gordura



Fonte: Sá (2013).

Percebe-se no número limitado de ocorrências com a manutenção da vogal média fechada uma distribuição restrita às mulheres do ponto 5 – Salgueiro, a mulher mais jovem do ponto 7 – Tacaratu, os homens mais jovens dos pontos 12 – Arcoverde e 13 – Águas Belas e quase todos os informantes da capital – Recife – que constitui o ponto de inquérito 20.

Salienta-se, aqui, que o único informante recifense que não seguiu a variante característica de seu município foi o homem mais jovem com ensino fundamental, anos iniciais, completo. Os quatro informantes na parte inferior da cruz pluridimensional pertencem ao curso superior e essa variante. Nesse sentido, parece que o grau de instrução delimita a variante conservadora e inibe a variante inovadora.

4 CONCLUSÃO

O trabalho realizado apresentou uma reflexão acerca da variação fonética, priorizando os fenômenos relativos às vogais pretônicas no falar pernambucano, cujo *corpus* advém do atlas linguístico estadual, construído por Sá (2013).

A partir de uma pesquisa realizada em vinte municípios demarcados pelos quatro cantos do Estado a informantes equitativamente escolhidos quanto ao sexo, à faixa etária e à escolaridade, aos quais foram proferidas perguntas para averiguação da pronúncia da vogal pretônica anterior das palavras *t/e/soura*, *trav/e/sseiro*, *f/e/cha*, *c/e/bola*, *d/e/svio*, *m/e/ntira*, *f/e/rida*, *d/e/smaio*, *p/e/rfume* e */e/squerdo* e da pronúncia da vogal pretônica posterior das palavras *g/o/rdura*, *c/o/lher*, *t/o/mate*, *b/o/tar*, */o/relba*, */o/velba*, *b/o/rracha*, *d/o/rmindo* e *ass/o/bio*.

Os resultados apontaram uma predominância ao alteamento da vogal, independente da zona em que se articulam na palavra pronunciada espontaneamente, confirmando a marca nordestina já delimitada em Nascentes (1953). Porém, restrições linguísticas têm considerável influência nesse comportamento. O ditongo tônico, por exemplo, tende a favorecer a altura da vogal pretônica anterior, enquanto, no caso da pretônica posterior, comungando das pesquisas de Silva (1992), quanto mais alto o timbre da vogal tônica, mais elevada se torna a vogal que antecede.

As consoantes labiais e alveolares quando precederem a vogal /e/ têm considerável influência no alteamento, mas, no caso da vogal /o/, esse comportamento está condicionado à precedência de vogais coronais ou da ausência de segmento consonantal.

Já no caso da influência do segmento consonantal que sucede a vogal pretônica, as labiais têm papel atuante no alteamento independente da zona de articulação, como atesta Bisol (1981). Porém, as alveolares atingiram a maior probabilidade de contribuir com esse comportamento, no caso da pretônica posterior, pois, a anterior atua no mesmo contexto quando antecede róticos.

Do ponto de vista das dimensões não linguísticas, os dados contrariam pesquisas anteriores quanto à influência do sexo, pois, em Pernambuco, os homens são menos conservadores que as mulheres, mas em relação à faixa etária, os mais jovens são inovadores na pronúncia da pretônica anterior e conservadores na pronúncia posterior.

Diante da distribuição das variantes de /e/ e /o/, ousa-se afirmar que a escolaridade pode ser o diferencial para delimitar distriticamente a inovação na pronúncia das pretônicas do falar pernambucano, já que os falantes com curso superior completo preferem a variante conservadora, fato esse a ser confirmado *a posteriori*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Edilene Oliveira. *Atlas lingüístico da mata sul de Pernambuco (ALMASPE)*. Dissertação de Mestrado em Letras. UFPB, João Pessoa, 2009.
- ALVES, Marlúcia. O comportamento fonológico das vogais médias em posição pretônica no dialeto de Belo Horizonte. *Estudos da Linguagem*. São Paulo: 37(1): 21-29, 2008.
- AMORIM, Gustavo da Silveira. *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista de língua falada culta do Recife*. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- ARAGÃO, Maria do Socorro. As vogais pretônicas no falar nordestino: os dados do ALiB. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN. *Anais*. João Pessoa, PB: Idéia – Editora, 2009.
- BATTISTI, Elisa; VIEIRA, M. J. Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 159-194, 2001.
- BISOL, Leda. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado em Letras. UFRJ: Rio de Janeiro, 1981.
- BISOL, Leda. Neutralização das átonas. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.
- BRANDÃO, Sílvia.; CRUZ, Maria Luíza. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALiSPA. In: AGUILERA, Vanderci. (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos lingüísticos e Literários (5)*. Salvador: UFBA, 1986.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].
- CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARDOSO, Suzana. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARNEIRO, Dayana; MAGALHÃES, José. O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari. XIX Congresso Interno de Iniciação Científica da UNICAMP. *Anais*. UNICAMP. 2009.

CÉLIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. São Paulo: Livraria Academica, 1970.

ELIZAINCÍN, Adolfo; THUN, Harald. *Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)*, I, 1-2, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Joseane Cavalcanti. *Atlas linguístico de Buíque (ALIBui)*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Petrolina: UPE, 2011.

FREITAS, S. *As vogais médias pretônicas faladas na cidade de Bragança*. Dissertação de Mestrado em Letras. Belém: UFPA, 2001.

GRAEBIN, Geruza de S. *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Dissertação de Mestrado em Letras. Brasília: UNB, 2008.

KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação de Mestrado em Letras. PUC-RS: Porto Alegre, 2007.

LABOV, William. *Modelos Sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra. 1983. Tradución de José Miguel Herrerias.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LEITE, Y. F.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MAIA, Vera Lúcia M. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos lingüísticos e Literários*(5). Salvador: UFBA, 1986.

MARCHI, Fernanda de; STEIN, Rita de Cássia G. Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente em Curitiba – PR. In: *Cadernos de pesquisas em Lingüística*. Vol.3, n.1. Porto Alegre: EDIPUCRS.p.127-137, 2007.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; ARAÚJO, Marinalva dos Prazeres. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cameté – PA: A

harmonização vocálica numa abordagem variacionista. *Caderno de pesquisas em Linguística*. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 104-126, 2007.

RUMEU, Maria Cristina de Brito. Uma breve incursão pela fala culta recifense: vogais médias pretônicas à luz da sociolinguística. *Caligrama*. Revista de Estudos Românicos, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 7-30, 2012.

SÁ, Edmilson José de et al. *Atlas linguístico bidimensional do Sertão do Pajeú Pernambucano*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Arcoverde: CESA, 2018.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. Tese de Doutorado em Letras. João Pessoa: UFPB, 2013.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows.2005*. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 20/07/2020.

SILVA, Franciedson. *Atlas Linguístico da Pedra*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Arcoverde: CESA, 2018.

SILVA, Myriam Barbosa da. Breve notícia sobre as vogais pretônicas na variedade culta de Salvador. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 14, p. 69-77, 1992.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TENANI, Luciani; SILVEIRA, Ana A. Menegasso da. O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista. *ALFA*, São Paulo, v. 52, n. 2. p. 447-464, 2008.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (Org.). *Acti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

VIANA, Vanessa Faria. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística*. Dissertação de Mestrado em Letras. Pontifícia Católica de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2008.